

relâmpago

REVISTA DE POESIA

38 ABRIL DE 2016



**Poesia
e cinema**

ENSAIO Joana Matos Frias Rita Novas Miranda Rosa Maria Martelo Rui Cóias

POESIA **António Carlos Cortez Armando Freitas Filho Eucanaã Ferraz
Fabio Weintraub Fernando Luís Sampaio Gastão Cruz Gonçalo M. Tavares
Helder Moura Pereira Inês Fonseca Santos Ismar Tirelli Neto
Júlio Castañon Guimarães Luis Maffei Luís Quintais Maria Andresen
Mariano Marovatto Marília Garcia Nuno Júdice Pedro Mexia
Ricardo Marques Rosa Oliveira Rui Lage Rui Pires Cabral**

CRÍTICA António Carlos Cortez Carina Infante do Carmo Fernando J.B. Martinho
Helena Buescu José Manuel de Vasconcelos Ricardo Marques Rita Marnoto

... o mar, incendeiam-se-lhe as cristas ao contacto das falésias.

Luís Miguel Nava
A inércia da deserção
& etc, 1981

RELÂMPAGO N.º 38

ABRIL DE 2016

ANO XIX

relâmpago

SUMÁRIO

DIRECTOR

DESTE NÚMERO

Carlos Mendes de Sousa

CONSELHO EDITORIAL

Fernando Pinto do Amaral

Gastão Cruz

Luís Quintais

DESIGN

Nuno Marques Mendes

EDIÇÃO

Fundação Luís Miguel Nava

PRESIDENTE HONORÁRIO

António Nava

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas, Lda.

TIRAGEM

500 exemplares

ISSN

0873 – 9501

DEPÓSITO LEGAL

117593/97

*Toda a correspondência dirigida
a esta revista deve ser remetida
para Estrada da Luz, 22 - 4.ª F,
1600-159 Lisboa*

*Esta revista só publica colaboração
que tenha sido solicitada*

www.relampago.pt

POESIA E CINEMA

António Carlos Cortez – A INFLAMAÇÃO DO OLHAR . . .	9
Armando Freitas Filho – CINEPOETA	15
Eucanaã Ferraz – DOROTHY	19
Fabio Weintraub – PÉTALA E FUMAÇA	25
Fernando Luís Sampaio – CASA SEM MORADA	31
Gastão Cruz – FILMES, POEMAS	35
Gonçalo M. Tavares – DOIS SHORT-MOVIES	39
Helder Moura Pereira – CESARINY NO PINHAL NOVO	43
Inês Fonseca Santos – TRATADO DO VÃO COMBATE	47
Ismar Tirelli Neto – OS HOMENS IMAGINÁRIOS	53
Júlio Castañon Guimarães – ENTÃO, E CINEMA	67
Luís Maffei – EMMANUELLE	73
Luís Quintais – WUNDERKAMMER	81
Maria Andresen – DA MUDEZ DO CAVALO	89
Mariano Marovatto – O CINEMA	95
Marília Garcia – NOITE AMERICANA	101
Nuno Júdice – VEM AÍ O CINEMA	107
Pedro Mexia – ELA FICOU	113
Ricardo Marques – STALKER	121
Rosa Oliveira – REDOMA	127
Rui Lage – REQUISIÇÃO CIVIL A ALGUNS PÁSSAROS DE HITCHCOCK	135
Rui Pires Cabral – CADERNO DE VILA REAL, PP. 8-9	141

POESIA E CINEMA

ENSAIO

- Joana Matos Frias** – “TUDO O QUE EM MIM PENSA ESTÁ FILMANDO”:
PERTENÇA E REPETIÇÃO NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA **147**
- Rita Novas Miranda** – UM FILME DE HERBERTO HELDER,
UM POEMA DE JEAN-LUC GODARD **167**
- Rosa Maria Martelo** – ARTES DO TEMPO **183**
- Rui Cóias** – ARTE E PIEDADE – A PROPÓSITO DE *PAISAGEM*
NA *NEBLINA*, DE THEO ANGELOPOULOS **197**

HERBERTO HELDER

DEPOIMENTO

- Manuel Alegre** – UMA VELHA CUMPLICIDADE **203**

LIVROS

CRÍTICA

- Rita Marnoto** – METAPHORAI . . . **211**
- José Manuel de Vasconcelos** – SOLO PARA UM TEMPO DE CHUMBO . . **214**
- Antônio Carlos Cortez** – LUGARES INCOMUNS **219**
- Fernando J.B. Martinho** – A CASA PARA ONDE SEMPRE VAMOS . . **222**
- Helena Buescu** – VIDAS DESCONTÍNUAS: A POESIA DE MAFFEI . . . **226**
- Carina Infante do Carmo** – RECAPITULAR UM GESTO ANTIGO, ESTENDER
AS MÃOS EM FRENTE **229**
- Ricardo Marques** – UM POUCO MAIS DE REALIDADE, EU ERA FICÇÃO . . **234**

EDITORIAL



O presente número, sob o signo da “Poesia e cinema”, surge na continuidade do dossier “Poesia e artes visuais”, coordenado por mim, na *Relâmpago*, n.º 23, de Outubro de 2008. O formato é similar. Ao particularizar-se o âmbito da relação entre as artes, não se pretendeu, contudo, circunscrever para alargar e, com isso, alcançar uma qualquer sorte de completude. Até porque, mais uma vez, está bem longe desta proposta a ideação de perspectivas panorâmicas ou antológicas.

Como no número 23, também agora o espaço foi partilhado por poetas brasileiros e portugueses; também agora se acolheram, à entrada, poemas e depoimentos. O que se pediu aos colaboradores, desta vez, foi um poema inédito, inspirado num filme, ou um poema que tivesse uma ligação ao cinema; e ainda um depoimento sobre o poema enviado ou, mais genericamente, um texto breve sobre a relação entre poesia e cinema.

Tantas vezes referido neste número, Herberto Helder falou como ninguém do fulgor poético e cinematográfico, da inspiração que é minúcia e rigor: “O poema, o cinema, são inspirados porque se fundam na minúcia e no rigor das técnicas da atenção ardente”. Herberto escreveu isto num texto intitulado “Cinemas”, publicado num dos primeiros números da *Relâmpago* (n.º 3). O texto tornou-se um lugar de referência, quando pensamos nos diálogos entre poemas e filmes, quan-

do queremos falar dos “processos de transferir blocos da vista – aproximações, fusões e extensões, descontinuidades, contiguidades e velocidades”.

Múltiplas aproximações, múltiplas articulações: é o que aqui vamos encontrar nos poemas, nos depoimentos, nos ensaios, no depoimento que é poema ou no poema-depoimento. Múltiplos os modos de circulação: palavras, imagens, sons. Cinema, poema.

CARLOS MENDES DE SOUSA

C r í

ANA MARQUES GASTÃO POR RITA MARNOTO

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ POR JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

HELDER MOURA PEREIRA POR ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES POR FERNANDO J.B. MARTINHO

LUIS MAFFEI POR HELENA BUESCU

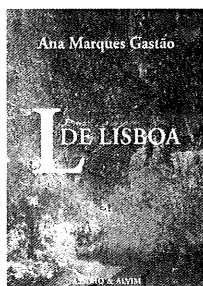
MANUEL GUSMÃO POR CARINA INFANTE DO CARMO

PEDRO EIRAS POR RICARDO MARQUES

t
i c a

Metaphorai

RITA MARNOTO



ANA MARQUES GASTÃO
L DE LISBOA
ASSÍRIO & ALVIM, 2015

É uma cidade, Lisboa, e é a cidade, o tema sibilino e instigante do mais recente livro de poesia de Ana Marques Gastão. A autora tem vindo a habituar os seus leitores a um ritmo de publicação cadenciado. O seu anterior livro de poesia, *Adornos*, foi editado em 2011, antecedido por *Lápis mínimo* (2008), *Nós nusos* (sobre imagens de Paula Rego, traduzido para francês e espanhol, Prémio Pen Clube 2004) e assim sucessivamente, até *Tempo de morrer, tempo para viver*, o seu primeiro título como poeta (1998). Se cada livro de Ana Marques

Gastão é sempre diferente do anterior, *L de Lisboa* é-o num sentido muito particular, na medida em que se oferece como uma nova forma de plasmar aquela realidade axial que constitui o universo idiolectal da autora: sempre em zonas de mobilidade expressiva (poesia, prosa, som, visualidade), de passagem e de fronteira (aquém e Além, passado e Futuro), a retomar e projectar, de uma obra para a outra, algo que vem de trás, em sucessivas e sempre surpreendentes reconfigurações.

L de Lisboa não é um livro subsumível, porquanto trabalho de finuras e de finezas, denso, profundo e misterioso – tão cativante para o leitor, logo desde as primeiras páginas, como exigente para com ele. A arte da alusão, que é uma característica da escrita de Ana Marques Gastão, atinge aqui um dos seus pontos altos. O leitor é levado a intuir, desde o início, que há uma voz que lhe está a segredar sentidos alusivos em sintonias agudas, por vezes desconcertantes. Nesse sentido, a cidade torna-se, mais do que tema, tema-símbolo-motivo do livro. Motivo tem o mesmo étimo de *movere*. Consagrado pela recursividade musical de Wagner, o conceito aplica-se, segundo os formalistas russos, àquela partícula que circula transversalmente por todo o texto, em sucessivas realocalizações.

Num clássico de raiz antropológica, *O mito do eterno retorno*, Mircea Eliade elege a cidade como grande arquétipo de alcance simbólico, mítico e ritualístico das sociedades tradicionais. Cada forma do cosmos tem o seu reflexo à face da terra que a identifica na geografia do globo. Ana Marques Gastão potencia a incidência antropológica, teológica, alfabitológica, numerológica ou, *tout court*, sígnica, desta relação.

A vinculação sígnica fica desde logo bem patente na formulação do seu título, um *L* que tem por determinante *Lisboa*. As facetas mais cintilantes da cidade desdobram-se nos mais sombrios e degradados

planos (e vice-versa), e as suas ruas e os seus recantos desdobram-se a todo o passo em artérias e ângulos de outras cidades, mais ou menos literárias, através de uma cadeia de reflexos de toda a ordem que segue os trilhos da própria linguagem. Esse *L* de Lisboa será reiteradamente grafado em maiúscula – um Livro para Ler e para o Leitor.

Divide-se em três partes, *Ofícios, Horas, Cristais* – a acção das palavras, o desassossego do tempo e a transmutação das coisas. Cada uma dessas três partes é formada por 12 poemas, mas o último deles, que faz parte da secção *Cristais*, surge destacado como *Post-scriptum* que tem por título *O estudo do silêncio*. Num jogo de caixas chinesas, reparte-se também ele em 12 pontos, vazados no ritmo profético dos versículos bíblicos e preenchidos por fragmentos dispersos de cidades, como em *Le città invisibili*, de Calvino. Este remate constitui, na verdade, uma espécie de arte poética. Apresenta as condições que subjazem à escrita do livro num timbre sussurrado que se faz poética de uma poética. Dedicado a Ana Hatherley (as referências literárias são inúmeras, de Fernão Lopes a Camões, Fernando Pessoa, Vasco Graça Moura, Armando Silva Carvalho e muito mais) com uma dedicatória de cumplicidade evidente, “Para Ana Hatherley, pela alegria”, celebra o vanguardismo da POEX, contudo a partir de uma margem em trânsito para o pós-estruturalismo. A experiência da linguagem expõe afinal os vazios e as fracturas que se alojam sob uma “pele gretada” (p. 59).

O primeiro versículo de *O estudo do silêncio* aproxima o conceito de cidade do nome PALAVRA, numa direcção de convergência entre a cidade e o trabalho poético que caminha para o porvir: “Que nome escolhes para dizer cidade? PALAVRA, a mesma que desenha os traços arquitectónicos de um rosto-caminho” (p. 59). Por sua vez, o último versículo recorda que as palavras são o ruído da cidade na forma de

uma cruz: “Uma palavra não é um projecto de cidade, mas o seu ruído ensurdecedor em forma de + (cruz = mais), sinal que nos leva inevitavelmente ao estudo-estado do silêncio” (p. 60). O desígnio de fazer confluir cidade e palavra confronta-se com a fluidez de uma linguagem sempre em movimento, nos seus rostos, nos caminhos por onde leva e no ruído que a estilhaça. Contudo, é neste mesmo som-não-significante que se antevêm outros sentidos, a ressurgirem na cadeia sígnica. A cruz é morte e acrescento. Símbolo do sacrifício de um Deus que se fez Homem, é também o mais antigo sinal que representa a cidade, cruzamento de linhas. Território de indagação da poética de Ana Marques Gastão, a dialéctica negativa não é o seu ponto fixo. Há um sentido temático-simbólico-motívico a infiltrá-la com sucessivas deslocções (“pela alegria”).

É por afinar e refinar uma poética em trânsito que *L de Lisboa* se oferece como *metaphora*. Em Atenas, os meios de transporte públicos são chamados *metaphorai*. Para ir para o trabalho ou para regressar a casa, apanha-se uma *metáfora*, que pode ser um comboio ou um autocarro. Desenvolvendo esta ideia, Michel de Certeau, no ensaio “Récits d’espace”, observa que as histórias e a escrita literária bem poderiam adoptar essa nobre designação de *metaphorai* por percorrerem e organizarem espaços, construindo itinerários que ficam para além delas. Esta conceptualização aplica-se muito bem a este livro, na medida em que a sua escrita é um *medium* em constante movimento que atravessa lugares, os liga e os selecciona, para os dizer literariamente, num percurso pela cidade e pela palavra. Uma não existe sem a outra, numa intersecção entre *medium* e tema que densifica o discurso.

De entre as diversas modalidades de passagem de um espaço para outro, Ana Marques Gastão privilegia sem dúvida o

jogo. As cadeias de desdobramentos desenvolvem-se por combinatórias, com efeitos de espelhamento, de antinomia e assim sucessivamente, num infinito de cambiantes que constituem uma chave fundamental para o aprofundamento dos sentidos. A própria impossibilidade de transportar a cidade para o discurso torna-se então fulcro da organização do itinerário poético idiolectal da autora. Se na cidade não há espaços perfeitos, a superação de uma ordem férrea e estanque, que é a da cidade disfórica, reside nas deslocções que vão sempre dar a outro lugar, através de um jogo vectorial que abre direcções e joga com elementos de fronteira. Ou, como escreve um autor a cujo estudo Ana Marques Gastão se tem vindo a dedicar, “No princípio, era o Jogo!” (António Vieira, *Doutor Fausto*, p. 216). “T de Tempo” e “J de Jogo”, traduz Ana Marques Gastão no poema *Lisboa coroa* (p. 12). O antropológico e o teológico recriam-se no *ludens* em trânsito da criação poética.

A junção de fragmentos pela arte combinatória está condenada ao provisório, como *metaphora* que se dá sempre noutra lugar e irá sempre levar a outro lugar. Por conseguinte, a sua amplitude é também a sua fragilidade.

L de Lisboa inicia-se com uma dedicatória, “Para W.”, colocada na sua primeira página. Quer isto dizer que o leitor é acolhido, *ab initio*, com a última letra do alfabeto, *omega*, invertendo a ordem desse mesmo alfabeto, ou de outra maneira, dizendo-lhe que as palavras têm o poder e o dom de percorrerem a ordem e a desordem do mundo em direcções contrárias, a ponto de poderem começar a organizar a cidade pelo fim.

Os indícios sucedem-se. Logo no primeiro poema, *Lisboa impura*, prossegue-se com o “duplo da sombra”, de uma Lisboa “sim, ou talvez não”, que “não é este mundo nem aquele” (p. 9). Esse mesmo poema que se intitula *Lisboa impura* termi-

na com a palavra *pureza*. Contudo, num efeito de simetria invertida o poema seguinte, *Mar não Morto*, que tematiza a verbalização, acaba com esse mesmo sintagma, “Mar não Morto” (p. 10). Muitos passos permitem mesmo uma leitura sintagmática inversa, do fim para o início.

As três secções em que o livro se reparte correspondem a três níveis e a três graus de um percurso, como na grande viagem pelo Além de Dante na *Commedia*. Até chegar ao cume da montanha do purgatório, Dante dialoga incessantemente com o seu guia, Virgílio (cuja inicial bem se poderia desdobrar no W. da dedicatória, espelhado no Werther que passeia por Lisboa, p. 34; na *Wort* de Dreyder, p. 38; no *paperworld*, p. 60; no *Witz*) e com as figuras que vai encontrando. Por sua vez, Lisboa enche-se das mais variadas imagens do quotidiano e da história, saltos altos, carris de eléctrico, corvos, árvores, água e vinho. Os 12 poemas de cada uma dessas três secções de *L de Lisboa* detêm um simbolismo cósmico que é muito característico das narrativas de viagem. Aliás, são 12 os meses do ano e os hinos da criação babilónicos. São 12 os discípulos que propagaram a mensagem de Cristo.

Nesse primeiro poema do livro, com um *Witz*, a Lisboa das sete colinas é transmutada na Lisboa das sete colunas (p. 9). O étimo de coluna é *kol*, que deu também coliseu e colosso, no sentido de vertical, erecto, e a letra L simboliza a coluna do Templo, no qual por sua vez se celebra a passagem do Tempo.

O Livro de Ana Marques Gastão é pois, como já se disse, um Livro para Ler até aos mais delicados entalhes das suas Letras, a requerer uma decodificação aguda de todas as *metaphorai* que transporta e a deixar espaço para muitas outras. Esse *L de Lisboa* poderá então ser também o L de *Lego*: *Lego* de *Legere* – ler os sinais, ouvir os ruídos da cidade. *Lego* de *Legare* – enviar,

legar, ligar, juntar os sinais. Organizando o espaço e construindo itinerários.

Os poemas são escritos em métrica rítmica, à qual o regime de acentos e o uso maciço do encavalgamento confere um andamento intenso, de modo a destacar circunvoluções, rupturas, desvios e passagens da escrita.

BIBLIOGRAFIA

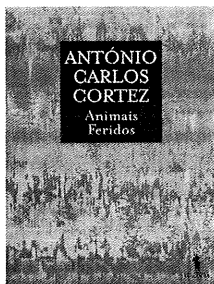
António Vieira, *Doutor Fausto. Romance*, Lisboa, Fim de Século, 2014.

Michel de Certeau, "Récits d'espace", *L'invention du quotidien*. Vol. 1. *Arts de faire*, Paris, Gallimard, 1990, pp. 170-191.

Mircea Eliade, *O mito do eterno retorno. Arquétipos e repetição*, trad. Manuela Torres, Lisboa, Edições 70 [1993].

Solo para um tempo de chumbo

JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS



ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
ANIMAIS FERIDOS
DOM QUIXOTE, 2016

Esta oitava colectânea de poemas de António Carlos Cortez surpreende pela inusitada descrença radical e pelo sopro apocalíptico com que desilude qualquer leitura que espere o embalo aprendido em lirismos complacentes ou em ironias *prêt-à-porter*. A opacidade de um tempo vivido, que põe ao largo qualquer esperança, atravessa este livro como uma ferida que o corpo transportasse e que se proclama em palavras que ardem sem rendição. O catastrofismo não é uma característica corrente